

Segurança na leitura do comunicado e desenvoltura diante da imprensa

SÃO PAULO — Muito à vontade em meio ao pipocar de dezenas de flashes é o constante ruído dos motores das máquinas fotográficas, o responsável pelo tratamento de Tancredo Neves, Gastroenterologista Henrique Walter Pinotti, não demonstrou qualquer insegurança na leitura do relatório sobre seu mais famoso paciente. Alheio aos cuidados dos agentes de segurança, parou para ser fotografado, sorriu para as câmeras de televisão e, à saída, chegou a marcar uma entrevista coletiva sobre o caso “para daqui a oito ou dez dias”:

— Tudo bem. Vamos conversar com mais calma, então. Mas tem que ser uma coletiva bem organizada, ok?.

Sua performance contrastava com a do discreto médico João Batista Rezende,

que, não sendo requisitado pelos repórteres, não deu uma só palavra. Para com ele, Pinotti era só gentileza, abrindo portas, cedendo a vez no corredor lateral do auditório, onde fez a leitura: por razões de segurança, os dois entraram por uma saída de emergência. A um pedido dos fotógrafos, Pinotti parava, solícito:

— Muito obrigado — repetia, sorridente após cada foto.

O único deslize durante sua apresentação no auditório do Centro de Convenções Rebouças do Hospital das Clínicas — para onde acorreram, além dos jornalistas, muitos médicos e funcionários — foi substituir a expressão o paciente “resiste” por “persiste vivo”, conforme constava do texto original divulgado.